

UNIVERSIDADE CESUMAR UNICESUMAR
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA

AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DE ACADÊMICOS DE ODONTOLOGIA
SOBRE A HEPATITE B, EM UNIVERSIDADE DO NORTE DO PARANÁ

GABRIELA DE ALCANTARA GERVÁSIO

MARINGÁ – PR
2022

Gabriela de Alcantara Gervásio

**AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DE ACADÊMICOS DE ODONTOLOGIA
SOBRE A HEPATITE B, EM UNIVERSIDADE DO NORTE DO PARANÁ**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Odontologia da Universidade Cesumar – UNICESUMAR como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Odontologia, sob a orientação do Prof. Me. Lígia Maria Molinari Capel

MARINGÁ – PR

2022

FOLHA DE APROVAÇÃO
GABRIELA DE ALCANTARA GERVÁSIO

**AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DE ACADÊMICOS DE ODONTOLOGIA
SOBRE A HEPATITE B, EM UNIVERSIDADE DO NORTE DO PARANÁ**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Odontologia da Universidade Cesumar – UNICESUMAR como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Odontologia, sob a orientação do Prof. Me. Lígia Maria Molinari Capel

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Lígia Maria Molinari Capel – (Mestrado em Microbiologia, UEL)

Fernando Accorsi Orosco- (Doutorado em Ciências Odontológicas Aplicadas – Endodontia, FOB-USP)

Gustavo Zanna Ferreira - (Mestrado em Ciências Odontológicas Aplicadas, FOB-USP)

AValiação DO CONHECIMENTO DE ACADêmICOS DE ODONTOLOGIA SOBRE A HEPATITE B, EM UNIVERSIDADE DO NORTE DO PARANÁ

Gabriela de Alcantara Gervásio

RESUMO

A finalidade do estudo foi avaliar o conhecimento dos acadêmicos matriculados no curso de Odontologia no ano de 2022, incluindo todas as séries vigentes, acerca da temática Hepatite B. O instrumento de coleta utilizado foi um questionário composto por perguntas objetivas, este foi aplicado em sala de aula de forma presencial com o intuito de obter a maior participação possível. Entre os 402 alunos matriculados, 294 responderam às questões. Os dados foram tabulados e inseridos em gráficos e tabelas. A idade da maior parte dos entrevistados está entre 19 e 21 anos, sendo 215 (73,12%) do sexo feminino e 79 (26,88%) do sexo masculino. Relataram já ter tido algum contato com portadores de Hepatite B (8,84% dos alunos). Apenas 14,96% alunos afirmaram ser uma doença fatal e 60,54% ser uma doença comum. 82,31% souberam responder que o agente etiológico responsável pela transmissão da doença é um vírus. Como indivíduos mais suscetíveis 52,04% dos alunos escolheram os profissionais da área da saúde. Desta forma, os dados obtidos permitiram avaliar o nível de conhecimento dos entrevistados acerca das características gerais da Hepatite B e sua relação com a Odontologia, além disso constatar a principal forma de obtenção de conhecimento sobre a temática.

Palavras-chave: HBV; Informação; Injúria; Alunos.

EVALUATION OF THE KNOWLEDGE OF DENTAL STUDENTS ABOUT HEPATITIS B, AT UNIVERSITY IN NORTHERN PARANÁ

ABSTRACT

This research has the purpose to evaluate the knowledge of students associated in the Dentistry school in the year of 2022, including all current grades, about the Hepatitis B theme. For the gathering of answers a questionnaire was used, composed of objective questions, which was applied face-to-face in the classroom obtaining the most possible subscriptions. Among the 402 participant students, 294 answered the questionnaire. The data was listed and inserted in graphics and tables. The prevalent age of the participants was between 19 and 21 years old, being 215 (73.12%) female and 79 (26.88%) male. It was reported that (8.84% of students) have had some contact with Hepatitis B carries patients . Only 14.96% students said it was a fatal disease and 60.54% said it was a common disease. 82.31% of the interviewed were able to answer that the etiological agent responsible for the transmission of the disease is a virus. As more susceptible individuals, 52.04% of the students chose health professionals. Therefore, the data obtained has allowed the evaluation of the level of knowledge of the interviewees about the general profile of Hepatitis B and its correlation with Dentistry, in addition to verifying the main way of getting knowledge about the subject.

Keywords: Hepatitis B virus; Information; Injury; Students.

1 INTRODUÇÃO

A hepatite B é a segunda maior causa de óbitos entre as hepatites virais. De 2000 a 2019 foram registrados 16.722 óbitos relacionados a esse agravo; desses, 54% tiveram a hepatite B como causa básica (BRASIL, 2012a). A doença é causada pelo Vírus da Hepatite B (HBV), da classe Hepadnaviridae, que pode permanecer infectante quando presente em fluidos como sangue, em superfícies de instrumentos, por pelo menos um mês, a temperatura ambiente, sendo 57 vezes mais infeccioso que o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) (BRASIL, 2000). O agente etiológico da doença pode ser transmitido pelo sangue (via parenteral, percutânea e vertical), esperma e secreção vaginal (via sexual). O contato com sangue contaminado pode ocorrer pelo compartilhamento de objetos, como lâminas de barbear e acessórios de manicure, materiais para colocação de piercing e para confecção de tatuagens, além de seringas e agulhas, para uso de substâncias injetáveis. Os acidentes com exposição a material biológico, procedimentos cirúrgicos, odontológicos, hemodiálise, transfusão, são também facilitadores da transmissão, quando as normas de biossegurança não são aplicadas (BRASIL, 2017).

Na maioria dos casos de hepatite aguda o paciente apresenta sintomas inespecíficos, tais como febre, mal-estar, náuseas, vômitos, dor no quadrante superior direito, mialgia, colúria e hipocolia fecal, podendo ser icterícia ou anictérica, com níveis elevados de aminotransferases (BRASIL, 2008; LOK et al, 2009). Sua manifestação clínica, portanto, pode variar entre sinais e sintomas subclínicos, apresentando poucos sintomas ou nenhum, até a forma fulminante (BRASIL, 2008). Já as hepatites crônicas são, em sua maioria, assintomáticas ou oligossintomáticas, sendo na maior parte silenciosas, nas quais os quadros clínicos graves só se manifestam em fases adiantadas de acometimento hepático. Os sintomas, assim como na forma aguda, são inespecíficos, podendo apresentar cansaço, mal-estar, dor abdominal intermitente, dores nas articulações (POYNARD et al, 1997).

O mais recente boletim epidemiológico do Ministério da Saúde do Brasil (BRASIL, 2021a), demonstra que o número de casos de hepatites virais entre os anos de 1999 e 2020 notificados pelo SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação) foi de 689.933 indivíduos. Entre os casos, 36,9% correspondem a casos de hepatite B (254.389 indivíduos). Ainda de acordo com o boletim, dentre os casos cuja provável fonte ou mecanismo de transmissão era conhecido, a maioria ocorreu por via sexual (21,3% do total de casos). Em segundo lugar, aparece a transmissão em tratamento cirúrgico, tratamento dentário de pessoa para pessoa ou outras formas.

De acordo com dados do SINAN, 18 indivíduos relataram ter adquirido o VHB por acidente de trabalho em 2020, já o número de indivíduos que adquiriram o vírus realizando tratamento dentário no mesmo período foi de 150 (BRASIL, 2021b). Segundo Silva et al (2009), é importante que seja elaborado e executado um programa de educação continuada para profissionais da área de saúde que trabalham direta ou indiretamente com pacientes, para a minimização dos acidentes biológicos ocupacionais. De acordo com o autor, tal programa deve tratar da questão da exposição ao material biológico e dos acidentes biológicos e esclarecer sobre a importância da adoção de medidas de precauções-padrão e normas de biossegurança, vacinação contra hepatite B, da notificação do acidente e do atendimento médico até 72 horas após o acidente.

Segundo estudo de Freitas et al (2011) realizado com acadêmicos de Odontologia, 87 acadêmicos (58,78%) relataram que acreditam que a hepatite B é uma doença muito comum. Entre os pesquisados, 21 (14,19%) acreditam que é uma doença fatal; 8 (5,41%) não sabem o que é hepatite B; e 5 (3,38%) acham que é uma doença rara. O conhecimento aprofundado sobre a doença e sua forma de transmissão é essencial aos futuros dentistas, com o objetivo de fornecer conhecimento básico de profilaxia e normas de biossegurança ao aluno que, ainda dentro da faculdade, executa práticas que farão parte de sua rotina após a conclusão do curso.

O presente trabalho teve como objetivos apresentar os resultados de uma pesquisa onde foi avaliado o conhecimento dos acadêmicos do 1º ao 8º período do Curso de Odontologia a respeito da Hepatite B. além disso, buscou-se determinar entre os alunos a forma de aquisição de conhecimento sobre a hepatite B, relacionar o aprimoramento do conhecimento ao período e disciplinas cursados pelos alunos e identificar as fragilidades de conhecimento acerca da transmissão da doença.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

No presente estudo descritivo transversal foi utilizado um questionário validado por Freitas et al (2011) com adaptações, como instrumento de coleta de dados. A população do estudo foi composta por acadêmicos do curso de Odontologia de universidade privada do Norte do Paraná, matriculados no ano de 2022; sendo os critérios de inclusão para os participantes: estar matriculado e cursando qualquer período do curso de Odontologia e desejar participar. Os alunos que se dispuseram a participar voluntariamente do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido sob o CAAE 54234121900005539,

conforme os princípios éticos contidos na resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS nº 196/95 parecer nº 58/2000) do Ministério da Saúde do Brasil.

O questionário foi composto por 12 questões que abrangiam o conhecimento dos acadêmicos sobre a hepatite B, principalmente em seus aspectos de transmissão. A coleta de dados foi realizada através de uma visita a todos os períodos do Curso de Odontologia e os questionários foram respondidos em sala de aula. Após coleta dos dados, estes foram tabulados, inseridos em gráficos e submetidos à análise estatística descritiva.

Os dados obtidos foram comparados a outras referências disponíveis na literatura que se referem a hepatite B e o conhecimento de acadêmicos. Para a busca de artigos, serão utilizados os seguintes critérios de inclusão: artigos publicados entre os anos de 2012 e 2022 nas línguas portuguesa e inglesa, disponíveis nas bases de dados Scielo, PUBMED e Google acadêmico. Foram considerados apenas trabalhos de estudo descritivo prospectivo, estudo de coorte e estudos prospectivos. Foram excluídos trabalhos que não envolvam o universo acadêmico.

3 RESULTADOS

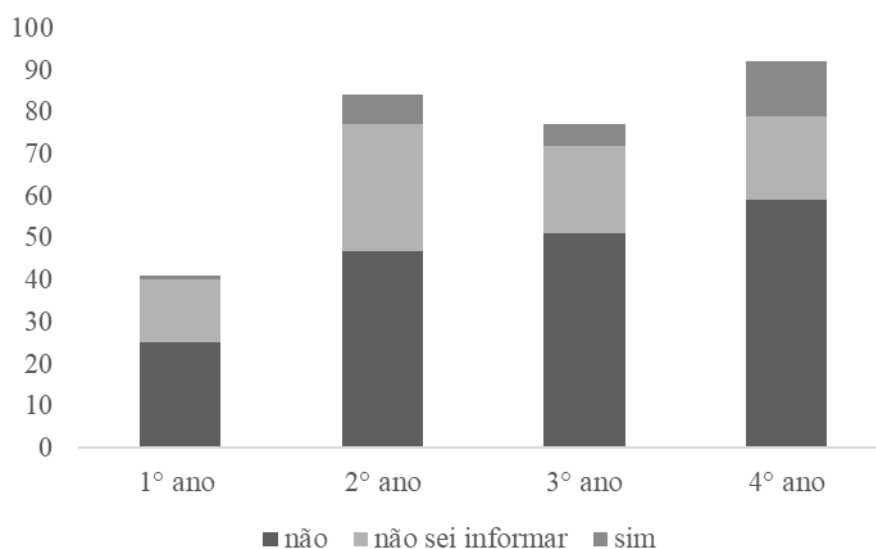
Do total de alunos matriculados no curso de Odontologia no ano de 2022, a presente pesquisa contou com a participação de 294 alunos, sendo que 215 (73,12%) são do sexo feminino e 79 (26,88%) do sexo masculino. Quanto ao período em que estão matriculados 41 alunos são do primeiro ano, 84 do segundo ano, 77 do terceiro ano e 92 do quarto ano. A média de faixa etária foi de 20 anos.

Ao serem questionados sobre a existência de casos de Hepatite B em sua família, 259 acadêmicos entre os pesquisados (88,10%) negaram a existência de caso (s) de hepatite, sendo a resposta predominante entre os alunos do 3º ano (71 alunos, 92,21%). Sete acadêmicos (2,38%) confirmaram a existência de caso (s), sendo a resposta predominante entre os alunos do 3º ano (3 alunos, 3,90%). Vinte e oito acadêmicos (9,52%) não souberam afirmar, sendo essa resposta predominante entre os alunos do 1º ano (9 alunos, 21,95%).

Dos alunos entrevistados, 182 acadêmicos (61,90%) negaram qualquer contato/exposição com o vírus da Hepatite B (figura 1), sendo essa resposta predominante entre os alunos do 3º ano (51 alunos, 66,23%); 26 acadêmicos (8,84%) afirmaram contato/exposição com o vírus, sendo essa resposta predominante entre os alunos do 4º ano

(13 alunos, 14,13%) e 86 acadêmicos (29,25%) não souberam informar se já tiveram contato com o vírus, sendo essa resposta predominante entre os alunos do 1º ano (14 alunos, 36,59%).

Gráfico 1 - Status dos acadêmicos com relação a exposição ao VHB



Fonte: Dados obtidos na pesquisa

Ao serem questionados sobre seus conhecimentos acerca da gravidade da doença, 178 acadêmicos (60,54%) consideraram que a hepatite B é uma doença comum, sendo essa resposta predominante entre os alunos do 4º ano (66 alunos, 71,74%); já 44 alunos (14,96%) consideraram que a hepatite B é uma doença fatal, sendo essa resposta predominante entre os alunos do 2º ano (17 alunos, 20,24%).

Quando questionados acerca do agente infeccioso causador da doença, 242 alunos (82,31%) afirmaram ser um vírus, sendo essa resposta predominante entre os alunos do 4º ano (82 alunos, 89,13%); 45 alunos (15,30%) afirmaram ser uma bactéria, sendo essa resposta predominante entre os alunos do 1º ano (13 alunos, 31,71%). Já 6 alunos (2,04%) afirmaram ser um protozoário, sendo essa resposta predominante entre os alunos do 2º ano (3 alunos, 3,57%).

Quanto ao conhecimento dos alunos sobre os indivíduos com maior susceptibilidade à doença (tabela 1), 153 alunos (52,04%) afirmaram que profissionais da área da saúde estão mais expostos ao vírus, sendo essa resposta predominante entre os alunos do 4º ano (59 alunos, PORCENTAGEM). Foi possível observar um aumento gradativo na frequência da escolha desta opção entre o 1º e 4º ano de graduação (8,94% para 16,5%). A segunda opção mais escolhida pelos alunos foi a de dependentes químicos de drogas ilícitas injetáveis (151

alunos, 51,3%), sendo essa resposta predominante entre os alunos do 4º ano (50 alunos, PORCENTAGEM). Foi possível observar um aumento gradativo na frequência da escolha desta opção entre o 1º e 3º ano de graduação (8,13% para 15,5%), com uma leve queda para 14% no 4º ano. Pessoas que realizaram hemodiálise/transfusão sanguínea ou de hemoderivados ou transplante foi a terceira opção mais escolhida (147 alunos, 50%), sendo essa resposta predominante entre os alunos do 2º ano (53 alunos, PORCENTAGEM). Foi possível observar um decréscimo gradativo na frequência da escolha desta opção entre o 1º e 3º ano de graduação (16,26% para 8,3%), com um aumento significativo para 14,2% no 4º ano.

Quanto às formas de transmissão da hepatite B (tabela 2), 230 alunos (78,23%) afirmaram que a principal forma de adquirir a doença é através do compartilhamento de seringas e agulhas, sendo essa resposta predominante no 3º ano (56 alunos, PORCENTAGEM). Foi possível observar um aumento gradativo na frequência da escolha desta opção entre o 1º e 3º ano de graduação (23,3% para 26,9%), com uma queda para 22,9% no 4º ano. Em segundo lugar, 221 alunos (75,17%) escolheram acidentes ocupacionais com instrumentos perfurocortantes, sendo essa resposta predominante nos alunos do 3º ano (60 alunos, PORCENTAGEM). Foi possível observar um aumento gradativo na frequência da escolha desta opção entre o 1º e 3º ano de graduação (17,48% para 28,8%), com uma queda para 23,8% no 4º ano. A terceira opção mais votada, por 186 alunos (63,26%), foi a de transfusão sanguínea/transplante/hemodiálise, sendo essa a resposta mais predominante em alunos do 1º ano (27 alunos, PORCENTAGEM). Foi possível observar um decréscimo gradativo na frequência da escolha desta opção entre o 1º e 3º ano de graduação (26,21% para 13%), com um aumento para 20,0% no 4º ano. Relações sexuais sem preservativo foi a quarta opção mais escolhida, por 167 alunos (56,80), sendo essa resposta predominante no 3º ano (45 alunos, PORCENTAGEM). Foi possível observar um aumento gradativo na frequência da escolha desta opção entre o 1º e 3º ano de graduação (16,5% para 21,6%), com uma queda para 16,5% no 4º ano.

Tabela 1 - Indivíduos mais suscetíveis a infecção

Indivíduos mais suscetíveis a infecção	N (%)			
	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano

Crianças	5 (4,06)	16 (4,4)	4 (1,4)	6 (1,7)
Idosos	5 (4,06)	10 (2,8)	3 (1,1)	2 (0,6)
Pessoas que realizaram hemodiálise/transfusão sanguínea ou de hemoderivados ou transplante	20 (16,26)	53 (14,7)	23 (8,3)	51 (14,2)
Pessoas que realizaram tatuagem/inserção de piercing	12 (9,75)	38 (10,5)	34 (12,3)	39 (10,9)
Profissionais do sexo	12 (9,75)	36 (10)	35 (12,6)	49 (13,7)
Pessoas em situação de rua	6 (4,87)	21 (5,8)	16 (5,8)	24 (6,7)
Heterossexuais do sexo masculino	7 (5,69)	12 (3,3)	10 (3,6)	5 (1,4)
Heterossexuais do sexo feminino	7 (5,69)	14 (3,9)	8 (2,9)	7 (2,0)
Homossexuais do sexo masculino	6 (4,87)	17 (4,7)	13 (4,7)	10 (2,8)
Homossexuais do sexo feminino	5 (4,06)	11 (3,0)	9 (3,2)	5 (1,4)
Dependentes químicos de drogas ilícitas injetáveis	10 (8,13)	48 (13,3)	43 (15,5)	50 (14,0)
Pacientes imunossuprimidos/imunodeprimidos	8 (6,5)	29 (8,0)	19 (6,9)	37 (10,3)
Profissionais da área da saúde	11 (8,94)	42 (11,6)	41 (14,8)	59 (16,5)
Não sei informar	1 (0,81)	0	0	0
Todos os indivíduos são suscetíveis	8 (6,5)	14 (3,9)	19 (6,9)	14 (3,9)
TOTAL	123	361	277	358

Fonte: Dados obtidos na pesquisa

Tabela 2 - Formas de transmissão de Hepatite B

	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Transfusão sanguínea/transplante/hemodiálise	27 (26,21)	64 (22,9)	27 (13)	68 (20,0)
Compartilhamento de seringas e agulhas	24 (23,3)	72 (25,7)	56 (26,9)	78 (22,9)
Beijo	1 (0,97)	10	7 (3,4)	6 (1,8)

			(3,6)	
Relações sexuais sem preservativo	17 (16,5)	49 (17,5)	45 (21,6)	56 (16,5)
Contato de fluidos biológicos com a pele	3 (2,91)	9 (3,2)	0	6 (1,8)
Contato de fluidos biológicos com a mucosa (oral, nasal, ocular...)	9 (8,74)	6 (2,1)	3 (1,4)	40 (11,8)
Através do ar	0	4 (1,4)	0	0
Acidentes ocupacionais com instrumentos perfurocortantes	18 (17,48)	62 (22,1)	60 (28,8)	81 (23,8)
Todas as alternativas	4 (3,88)	4 (1,4)	10 (4,8)	5 (1,5)
TOTAL	103	280	208	340

Fonte: Dados obtidos na pesquisa

Ao serem questionados sobre a necessidade de contato com sangue para a transmissão da doença, 41 alunos (13,94%) negaram ser um fator definitivo para que ocorra contaminação por hepatite B, sendo essa resposta predominante no 3º ano (13 alunos, 16,88%). Dos entrevistados, 49 alunos (16,66%) consideraram fator definitivo o contato com grandes quantidades de sangue, sendo essa resposta predominante no 1º ano (15 alunos, 36,58%). 204 alunos (69,38%) consideraram como fator definitivo o contato com pequenas quantidades de sangue, sendo essa resposta predominando no 4º ano (72 alunos, 78,26%).

Os acadêmicos foram questionados sobre as formas de obtenção de conhecimento acerca do assunto, 190 alunos (64,62%) escolheram como principal meio as aulas da graduação, sendo essa resposta predominante nos alunos do 4º ano (76 alunos). Foi possível observar uma aumento gradativo na frequência da escolha entre o 1º e 4º ano (7,69% para 60,31%). O segundo meio mais escolhido foi a internet, por 96 alunos (32,65%), sendo essa resposta predominando no 1º ano (15 alunos).

Quando questionados sobre a existência de vacinação para o combate ao vírus da Hepatite B, 206 alunos (70,06%) afirmaram existir vacina contra o agente etiológico da doença, sendo essa resposta predominante nos alunos do 4º ano (70 alunos, 76,09%). Dos entrevistados 27 alunos (9,18%) afirmaram não existir vacina, sendo essa resposta predominante nos alunos do 1º ano (5 alunos, 12,20%). E 61 alunos (20,74%) não souberam informar.

4 DISCUSSÃO

A progressão do acadêmico ao longo do curso objetiva agregar conhecimentos sobre os mais variados conteúdos, que juntos serão utilizados no exercício da futura profissão. No presente estudo, foi possível observar evolução no conhecimento através do percentual de alunos que souberam identificar corretamente o agente etiológico, responsável pela Hepatite B (HBV), que variou de 65,85% entre os alunos do primeiro ano e 89,13% entre os alunos do quarto ano. Em estudo realizado por Teixeira et al (2016), 92,42% dos alunos entrevistados souberam relacionar a doença Hepatite B a uma infecção viral; Silva et al (2020) obteve em seu estudo que 88% dos entrevistados tinham conhecimento sobre o agente etiológico. A matriz curricular do curso de Odontologia da referida universidade aborda o conteúdo Hepatites virais no primeiro semestre do curso. A partir desta informação, acredita-se que ainda no primeiro ano, os acadêmicos possam adquirir conhecimentos acerca da doença, que podem torná-los mais aptos a identificar possíveis riscos de transmissão e adoecimento quando em contato com pacientes infectados, ainda no ambiente das clínicas. Isso é de suma importância, tendo em vista que iniciam seu contato com pacientes a partir do quinto semestre do curso.

Entre os alunos entrevistados, apenas 2,38% relataram haver casos de Hepatite B em suas famílias, percentual similar ao encontrado por Ferreira et al (2018), onde 2,5% dos entrevistados relataram possuir familiar portador de HBV; já Freitas et al (2011) encontraram maior percentual (16,7%). O contato do acadêmico com familiares infectados pode expô-lo a maior risco de infecção prévia ao exercício da profissão, pois alguns casos de Hepatite B estão relacionados à transmissão intrafamiliar, como a transmissão vertical e entre irmãos. Estudos realizados em Taiwan sugerem que o contato familiar continuado, das crianças com mães portadoras do HBV, nos anos seguintes ao nascimento aumenta consideravelmente o risco de aquisição desse vírus (BEASLEY et al, 1982). O estudo de Brasil et al (2003) demonstrou alta prevalência de infecção entre irmãos, o que demonstra a importância do contato interpessoal, confirmando com estudos referidos anteriormente que os familiares podem ser considerados como um reservatório para a transmissão da infecção e que possivelmente os irmãos são de grande importância para a circulação destes vírus, adquirindo a transmissão, um caráter predominantemente, horizontal e familiar (BRASIL et al, 1991; BRASIL et al, 1994). Acredita-se, porém, que boa parte dos alunos tenham tido contato com familiares portadores do vírus, mas não têm conhecimento da situação, o que os deixa mais vulneráveis à infecção pelo HBV.

No presente estudo, alunos do 4º ano foram o grupo predominante entre os entrevistados que já haviam tido qualquer contato/exposição (14,13%). No estudo de Freitas et al (2011) 10,7% dos entrevistados informaram que já tiveram contato com pessoas que possuíam a doença. Tal fato pode ser explicado pelo aumento na quantidade de práticas clínicas no decorrer do curso, e conseqüentemente um crescente contato com centenas de pacientes, o que os deixa mais expostos ao risco de contaminação pelo HBV. De acordo com Hymer e De Almeida (2015), os riscos ocupacionais do Cirurgião-Dentista, em particular os riscos biológicos, são fomentados pelo uso de instrumentos perfurantes, presença de fluidos biológicos e aerossóis dispersos no ambiente.

Ao serem questionados sobre seus conhecimentos acerca da gravidade da doença, 178 acadêmicos (60,54%) consideram que a hepatite B é uma doença comum, sendo essa resposta predominante entre os alunos do 4º ano; já 44 alunos (14,96%) consideram que a hepatite B é uma doença fatal, sendo essa resposta predominante entre os alunos do 2º ano (17 alunos, 20,24%). A hepatite B é a segunda maior causa de óbitos entre as hepatites virais. De 2000 a 2020, foram registrados 17.540 óbitos relacionados a esse agravo; desses, 53,4% tiveram a hepatite B como causa básica (BOLETIM EPIDEMIOLOGICO, 2022). A falta de conhecimento a respeito da gravidade da doença e sua evolução torna o aluno mais suscetível a contaminação, pela falta de observância das medidas de biossegurança, extremamente necessárias para a prevenção de acidentes. A maioria das exposições ocupacionais ao HBV na odontologia são preveníveis através da adoção das precauções padrão, que incluem o uso de luvas, máscara, gorro e jaleco ou avental (KOHN et al, 2003).

Tendo em vista os grupos com maior susceptibilidade à infecção pelo HBV, 52,04% da amostra elegeram como mais susceptíveis os profissionais da área da saúde, 51,3% elegeram dependentes químicos de drogas injetáveis, e em sequência 50% elegeram aqueles que passaram por procedimentos de hemodiálise/transfusão sanguínea ou de hemoderivados. Em comparação, no estudo realizado em universidade privada do estado de Santa Catarina por Pilati (2017), 65,7% dos entrevistados afirmaram acreditar que os profissionais da área da saúde estão mais vulneráveis à adquirirem Hepatite B, em contrapartida apenas 14% acreditam que sejam os dependentes químicos mais vulneráveis.

No estudo foi possível observar uma quebra na linearidade da curva de aprendizado das turmas entrevistadas, podendo estar relacionado ao período de isolamento social devido a pandemia de COVID-19, quando o ensino foi adaptado ao método remoto, trazendo impactos no ensino principalmente nas turmas do 3º e 4º ano, que tiveram conteúdos base da graduação de forma online. De acordo com Hodges et al (2020), o ensino remoto emergencial é uma

alternativa para cenários de crise e/ou emergência, quando não é possível seguir a programação de forma presencial, no entanto devido ao imediatismo necessário nessas situações, é possível que a qualidade do ensino seja prejudicada. A maioria dos alunos (64,62%) entrevistados afirmaram ter obtido conhecimentos acerca da Hepatite B e suas características durante as aulas da graduação, predominantemente os alunos do 4º ano (82,60%), no entanto, o mais correto seria que a totalidade dos alunos que se encontram no último ano de graduação tivessem obtido informações sobre a doença, afinal, presume que todos tiveram em sua grade curricular aulas que abordam tal temática.

Foram escolhidos pelos alunos como principais formas de transmissão compartilhamento de seringas e agulhas (78,23%), acidentes ocupacionais envolvendo instrumentos perfurantes (75,17%), transfusão sanguínea/transplante/hemodiálise (63,26%) e relações sexuais desprotegidas (56,80%), respectivamente. O maior contato com tais instrumentos, principalmente nos dois últimos anos do curso, onde o ambiente da prática clínica é mais frequente, faz com que os alunos estejam mais cientes dos riscos aos quais estão expostos. Em estudo de Macedo et al (2021) os acadêmicos foram questionados sobre as vias de contaminação dentro do ambiente odontológico, mostrando que houve predominância para a prática de punção com agulha contaminada dado ao risco de acidente com utensílios perfurocortantes. No estudo realizado por Ferreira et al (2018), o número de alunos que reconheciam o compartilhamento de seringas e agulhas foi maior, contando 87,8% da amostra, bem como o número de alunos que reconheciam os acidentes ocupacionais envolvendo instrumentos perfurocortantes, contando 91%. Números maiores também foram encontrados no estudo realizado por Silva et al (2020) em Brasília, 95% escolheram transfusão sanguínea como forma de transmissão, e 75% relações sexuais. Deve-se ressaltar que, é mandatório ao acadêmico conhecer melhor a transmissão de agentes patogênicos pelo sangue, ou saliva contendo sangue, tendo em vista o risco aumentado da transmissão de patógenos como o HBV e até mesmo o HIV.

A porcentagem de acadêmicos que tinham conhecimento da existência de vacina contra Hepatite B (70,06%), foi semelhante à encontrada no estudo de Ali et al (2017) onde 72,9% demonstraram conhecer a vacina. No entanto, estudo de Ferreira et al (2018), demonstrou que 11,2% dos alunos do primeiro ano e 28,7% do último ano disseram ter realizado a vacinação completa contra HBV, o que mostra a falta de uniformidade nesta medida profilática entre algumas instituições de ensino superior (IES). A taxa de cobertura vacinal para HBV entre os alunos, dentro de uma IES, pode ser aumentada pela exigência da Vigilância Sanitária e por instrução em sala de aula e clínicas, para conscientização e

principalmente prevenção dos alunos. Além disso, o exame de soroconversão é elemento importante para verificar se houve imunização efetiva dos vacinados. A vacinação contra o HBV é a principal estratégia utilizada para evitar a contaminação e o adoecimento, sendo recomendada universalmente já nos primeiros meses de vida, preferencialmente ainda na maternidade (GUIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE, 2021). Em caso de esquema vacinal incompleto, é previsto esquema vacinal específico ao acadêmico e futuro profissional.

5 CONCLUSÃO

A partir das informações obtidas pela presente pesquisa, foi possível verificar o nível de conhecimento dos alunos de todos os anos do curso de Odontologia acerca da Hepatite B e suas características. A maior parte dos alunos souberam responder corretamente sobre o agente etiológico envolvido, as principais vias de transmissão, os indivíduos mais suscetíveis e a existência de vacinação. Além disso, foi possível determinar que a principal forma de aquisição de conhecimento sobre a doença foram as aulas da graduação, e foi possível observar a evolução do conhecimento dos acadêmicos no decorrer dos anos de formação. No entanto, houve a constatação de quebras na linearidade na obtenção de conhecimento principalmente nas turmas mais afetadas pelo período de isolamento social, devido a pandemia de COVID-19. Apesar dos números se mostrarem satisfatórios, há uma porcentagem significativa de alunos que demonstraram não ter conhecimento suficiente sobre a temática do estudo. Tendo em vista que a Odontologia é uma área relacionada ao alto risco ocupacional pela transmissão de doenças infectocontagiosas, a informação se torna indispensável à redução de contaminação no ambiente de trabalho.

REFERÊNCIAS

ALI, Asad et al. **“Comparison of Knowledge and Attitudes Regarding Hepatitis B Among Healthcare Professionals in Pakistan.”** Cureus vol. 9,2 e1049. 23 Feb. 2017.

Beasley RP, Hwang LY, Lin CC, Leu ML, Stevens CE, Szmuness W, Chen KP. **Incidence of hepatitis B virus infectious in preschool children in Taiwan. Journal Infectious Disease** 146:198-204, 1982.

Boletim Epidemiológico Hepatites virais. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, 2022. Disponível em <<https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de->

conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2022/boletim-epidemiologico-de-hepatites-virais-2022-numero-especial>. Acesso em 22 de novembro de 2022.

Brasil LM, Braga WSM, Botelho R, Castilho MC, Fonseca JCF. **The Prevalence of hepatitis B virus (HBV) markers within household in the state of Amazonas, Brazil.** *Hepatology* 19:45, 1994. 7.

Brasil LM, Braga WSM, Castejón MJ, Fonseca JCF. **Prevalence of hepatitis B virus (HBV) infection in children, Codajas, Amazon Basin, Brazil: a pre-study vaccination.** *Acta Reumatológica* 1:26, 1991.

BRASIL, Leila Melo et al. **Prevalência de marcadores para o vírus da hepatite B em contatos domiciliares no Estado do Amazonas.** *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, v. 36, p. 565-570, 2003.

FERREIRA, Larissa Queiróz et al. **Hepatite B: conhecimento e atitudes de acadêmicos de Odontologia.** *Archives of health investigation*, v. 7, n. 7, 2018.

Guia de Vigilância em Saúde [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Articulação Estratégica de Vigilância em Saúde. – 5. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2021.

HODGES, Charles e cols. As diferenças entre o aprendizado online e o ensino remoto de emergência. **Revista da escola, professor, educação e tecnologia** , v. 2, 2020.

HYMER, Rebeca; DE ALMEIDA, Tatiana Frederico. **Riscos Biológicos em Odontologia: uma revisão da literatura.** *Journal of Dentistry & Public Health (inactive/archive only)*, v. 6, n. 1, 2015.

Kohn WG, Collins AS, Cleveland JL, Harte JA, Eklund KJ, Malvitz DM; **Centers for Disease Control and Prevention (CDC). Guidelines for infection control in dental health-care settings - 2003.** *MMWR Recomm Rep* 2003; 52: 1-66.

MACEDO, Ana Grazielly Rodrigues de et al. **Análise da conduta dos acadêmicos de Odontologia no atendimento de pacientes soropositivos.** *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento* , v. 10, n. 6, pág. e39810615690-e39810615690, 2021.

NUNES, Letícia. **Panorama da Cobertura Vacinal no Brasil, 2020.** *Instituto de Estudos para Políticas de Saúde.* São Paulo–SP, 2021.

PILATI, Sarah Freygang Mendes. **Conhecimento de acadêmicos do curso de Odontologia da UNIVALI em relação à hepatite B.** *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research*, v. 19, n. 2, p. 100-105, 2017.

SILVA, Isadora Santana et al. **Conhecimento dos acadêmicos de odontologia e enfermagem sobre a Hepatite B.** *Journal of the Health Sciences Institute*, 38(4):257-61, 2020.

TEIXEIRA, Sorrielen Oliveira et al. **Hepatite B: conhecimento e cobertura vacinal de estudantes de odontologia da faculdade São Lucas.** Clínica e Pesquisa em Odontologia-UNITAU, v. 8, n. 2, p. 26-35, 2016.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Avaliação do conhecimento de acadêmicos de Odontologia sobre a Hepatite B, em Universidade do Norte do Paraná

1. Sexo:

- Feminino
 Masculino

2. Idade:

- Entre 16 e 18 anos
 Entre 19 e 21 anos
 Entre 22 e 24 anos
 Entre 25 anos ou mais

3. Em qual ano e período está do curso de Odontologia (marque o ano e o semestre)?

- 1º ano 1º semestre 2º semestre
 2º ano 1º semestre 2º semestre
 3º ano 1º semestre 2º semestre
 4º ano 1º semestre 2º semestre

4. Há casos de Hepatite B em sua família, incluindo você?

- Sim
 Não
 Não sei informar

5. Você já esteve em contato com pessoas com Hepatite B?

- Sim
 Não
 Não sei informar

6. Sobre a Hepatite B, você a considera (pode ser marcada mais de uma resposta):

- Uma doença rara
 Uma doença fatal
 Uma doença comum
 Uma doença muito comum
 Não sei informar

7. Qual o agente infeccioso responsável pela Hepatite B (assinale apenas uma resposta)

- Bactéria
 Vírus
 Protozoário
 Fungo
 Outro: _____

8. Quais indivíduos você considera mais susceptíveis à hepatite B (pode ser marcada mais de uma resposta):

- Crianças
 Idosos
 Pessoas que realizaram hemodiálise/transfusão sanguínea ou de hemoderivados ou transplante
 Pessoas que realizaram tatuagem/inserção de *piercing*

- Profissionais do sexo
 Pessoas em situação de rua
 Heterossexuais do sexo masculino
 Heterossexuais do sexo feminino
 Homossexuais do sexo masculino
 Homossexuais do sexo feminino
 Dependentes químicos de drogas ilícitas injetáveis
 Pacientes imunossuprimidos/imunodeprimidos
 Profissionais da área da saúde
 Todos
 Outros: _____

9. Para você, quais as formas de transmissão de Hepatite B (pode ser marcada mais de uma resposta)?

- Transfusão sanguínea/transplante/hemodiálise
 Compartilhamento de seringas e agulhas
 Beijo
 Relações sexuais sem preservativo
 Contato de fluidos biológicos com a pele
 Contato de fluidos biológicos com a mucosa (oral, nasal, ocular...)
 Através do ar
 Acidentes ocupacionais com instrumentos perfurocortantes
 Todas alternativas

10. Você considera o contato com sangue fator definitivo para que ocorra a contaminação por Hepatite B?

- Não
 Sim, apenas em grandes quantidades
 Sim, em pequenas quantidades

11. Por qual meio você obteve conhecimento sobre a doença?

- Através das aulas da graduação
 Televisão/jornal
 Internet
 Livros e/ou revistas
 Amigos e/ou familiares
 Outras fontes
 Não tenho conhecimento

12. Você considera que existe vacinação para Hepatite B?

- Sim
 Não
 Não sei informar